

POEMAS DE UM RETORNO À CIDADE NATAL

POEMA FLAGRANTE

Elio Ferreira¹

1

estou de volta como se tivesse a volta
 para os becos e quintais
 e deus colhe ervas-cidreiras
 e brinca com os meninos numa luta corpo-a-corpo
 e se enlameiam correndo atrás do besouro “cavalo-do-cão”
 estou de volta:
 as paredes da casa impregnadas do nosso cheiro
 e a gente a se amar a partir dos palavrões
 e o poema sem utilidade nenhuma para girassóis:
 a tarde inicia as taiobas (coisas de monturo)
 a tarde
 meninos a cobiçar o arco-íris
 a tarde
 um menino: mamãe , 2014arranca aquele
 arco-íris pra mim!

2

um grilo griligrirrigrilama anoitece os homens
 vive para o ferro sua dimensão de grilo:
 um grilo na noite 100% grilo
 um grilo na noite não sei quantos % esmeril
 enche a noite o canto grilo:
 engridente que se encrava na medula
 um grilo gri gri gri à esmeriladeira
 na oficina de ferreiro do meu irmão Vitorino
 diz – quem é contra o ferro é também contra mim?
 “- Nossa Senhora do Cu Pelado”!
 Valdemar de dona Maria Helena comia plástico!

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor de Literatura na Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Poeta e ensaísta. Publicou poemas em antologias como *Cadernos Negros* 27, 29, 31, 33; *Pequena antologia poética transoceânica/Piccola antologia poetica transoceanica*, 2016, edição bilíngue; *Baião de todos*: edição comemorativa 20 anos, 2016. Livros de poesia: *Canto sem viola*, 1983; *Poemas de nordeste*, 1983; *Poemartelos: o ciclo do ferro*, 1986; *O contra-lei*, 1984; *O contra-lei & outros poemas*, 1997; *América-negra*, 2004; *América negra & outros poemas afro-brasileiros.*, 2014. Autor e curador do projeto Roda de Poesia & Tambores, Teresina, 2000 a 2011. professorelioferreira@yahoo.com.br

3

o canto
 (pedra ou metal)
 flagra repiques a martelo
 a outras falas
 e a mim mesmo
 o canto
 o galo madrugada endoidou
 comeu a flor da bigorna
 comeu a estrela d'alva
 comeu o chiqueiro: o bodejar amanhecendo
 os quintais
 mistura a gritaria a casa toda:
 a menina quase morta
 quando acaba a essa hora da noite:
 “- o velho Zé Porfírio não tinha nem vergonha
 de se banhar no olho-d'água do Escurador”
 - água boa pra se beber e outras serventias
 – agora toda empestada
 - e a gente correndo da lepra:
 escorrega a dor o coradouro
 a mesa-de-pedra
 a roupa quarando no lajeiro
 e a dor não tinha cura:
 vivia sol-a-pino

- à boquinha-da-noite:
 e os meninos fazendo imoralidade com as cabras
 no meio das moitas de mufumbo

4

(a fala de dona Neném da Vereda Grande)
 do amanhecer ao pôr do sol
 a molecada gritando: Neném doida – “todo o transporte endoidou
 derrubou – oh! não me mate na minha casa!
 não me mate na minha casa”!
 frechou numas cajás das cajás q frechou o galo
 não sei q horas da madrugada 1983 – “e eu não tinha
 nem água pra beber – me escondi:
 o cercado todo ganhou!
 todo ganhou”!
 foi no comecinho de agosto e eu disse minha alma
 do pai Joaquim
 e o fogo ia tomando conta: lá estava
 pior do q aquele lugar – rezo
 todo o santo dia – q se chama o inferno - minha cabeça onde bebi
 água no asilo de suspensão às 3 horas da madrugada – oh
 lugar pequeno pra caber gente! - são 5 psiquiatras
 é uma cabarezada na jardineira

o galo cisca a tarde no monturo
o galo defensor do quintal
o galo
entre fedegosos e ervas-cidreiras
apunhala o inimigo outro galo
para a marginalidade do monturo
não o chamaria espadachim
não o chamaria cavaleiro medieval
não o chamaria gladiador (à espera
do toque de clarim)
chamo-o cangaceiro armado a punhal

o galo afia a lâmina no lajeiro
o galo empina a musculatura
o galo desafio para outros quintais

7

o meu pai é ferreiro
ele acorda de manhã
bem cedinho
na hora dos passarinhos
o martelo tem tem tem tem tem tem

Elio Ferreira (Floriano, Piauí, Brasil, 1985/1986, inéditos)